

## Fontes para uma História do uso de Plantas Medicinais no Brasil: Uma experiência de pesquisa e ensino na EJA

ISAAC FACCHINI BADINELLI\*

A história das práticas médicas foi por muito tempo um campo afastado dos estudos de historiadores, estando reservado a médicos, que quase sempre realizavam uma história factual, que pouco dava voz aos pacientes e a temáticas consideradas periféricas, exaltando a figura do médico como provedor da cura e do bem-estar social. Os trabalhos de Lycurgo Santos Filho, Lourival Ribeiro e Duflío Crispim Farina seguiram essa linha, contribuindo a sua maneira para o conhecimento de nossa “arte médica”. Torna-se necessário explorar uma história da saúde que parta também de um estudo da história das mentalidades e das sensibilidades corporais dos participantes do corpo social. “Cada Sociedade reconhece doenças específicas. Além disso, a doença constitui sempre um estado com muitas implicações sociais: Estar doente ou em boa condição física são coisas muito diferentes socialmente” (ADAM; HERZLICH, 2001:11).

A compreensão destas transformações e a mudança no “foco” do observador levam a uma ampliação em caráter prático do objeto de estudo. No campo de ensino da história, ao estudar a utilização e o conhecimento a respeito das plantas medicinais em diferentes períodos, e temas relacionados à história da saúde, temos a possibilidade de estabelecer um contato com o aluno que parte de seus conhecimentos prévios e de sua vivência, além da busca de suas raízes familiares. A escolha das fontes e da metodologia a ser aplicada influencia muito no resultado a ser alcançado. Diversas fontes sobre o período colonial e monárquico no Brasil podem nos auxiliar na análise e na formulação de atividades que sejam utilizadas dentro da sala de aula.

Este trabalho visa relatar ideias e observações que vem sendo feitas desde 2011 com a

---

\*

\* Graduando do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Professora Dra. Renata Palandri Sigolo. Bolsista do Projeto Santa Afro Catarina PROEXT/MEC 2012

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

participação no projeto “Plantas Medicinais e os cuidados com a saúde: Escrevendo várias histórias”, ligado as produções do LABHISS (Laboratório de História, Saúde e Sociedade) sob orientação da professora Dra. Renata Palandri Sigolo, vinculado ao departamento de história da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Tendo uma parceria com a Secretária de Educação de Florianópolis o público alvo foram alunos de escolas públicas acima de doze anos de idade e acabou focando-se no público da EJA (Educação de Jovens e Adultos). O trabalho com fontes primárias no auxílio a suas pesquisas e no desenvolvimento de oficinas ministradas por alunos da graduação em história busca estimular o conhecimento sobre plantas medicinais, desenvolvendo sua curiosidade sobre o tema. A estrutura fez com que fosse necessário um projeto que ultrapassando o campo da extensão universitária partisse de uma pesquisa apurada das fontes para compreensão da temática.

Desde o início do projeto, que conta com outros bolsistas, trabalhando diversos temas dentro da história do uso de plantas medicinais, escolhi trabalhar principalmente com a inserção das plantas medicinais no intercâmbio entre Portugal e o Brasil, analisando principalmente os relatos feitos por viajantes e posteriormente as farmacopéias e tratados produzidos. Com as primeiras viagens filosóficas, que viriam a ser financiadas pelo governo português a partir do século XIX, muitos dos produtos da terra brasileira passaram a ser conhecidos na Europa, transformando a maneira como se tratavam diversas doenças. O primeiro contato dos portugueses com o Brasil ai já ficava distante e partia-se cada vez mais de uma necessidade de compreensão sobre o uso dessas plantas para a cura. Tendo os indígenas como grandes conhecedores da terra, e utilizado a natureza como sua botica natural, foi necessário se adaptar ao “Novo Mundo”. “Com grande escassez de médicos e remédios europeus, que muitas vezes estragavam durante a travessia do Atlântico, os colonizadores tiveram que muitas vezes fazer uso da arte dos demais curadores da terra” ( MARQUES,1999: 29).

Ao partir para um aprofundamento na pesquisa sobre o tema foi necessário expandir e definir quais fontes seriam utilizadas. Escolhi trabalhar principalmente com aquilo que tinha de mais próximo. Assim toda a atividade de pesquisa e didática foi orientada a partir de relatos de viajantes e dos manuais médicos como o Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira. É

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

importante falar também da possibilidade de utilização de tratados médicos como o Dicionário de medicina popular do Dr.Chernoviz e outros escritos do período colonial e monárquico no Brasil.

A inserção na unidade escolar da ideia de trabalho com a história das plantas medicinais resultou em um primeiro momento um estranhamento por parte dos alunos, que pouco acreditavam conhecer sobre a temática. As aulas foram desenvolvidas na Escola Básica Silveira de Souza, localizada no centro de Florianópolis com turmas da EJA (Educação de Jovens e adultos). O ensino de adultos no Brasil vem sendo desenvolvido de diferentes formas e com diferentes abordagens políticas desde o período colonial, e na atualidade é muitas vezes permeado por uma série de problemas a serem enfrentados. No caso da escola onde foram realizadas as atividades a principal questão de resistência dos que procuram manter esse ensino é combater a especulação imobiliária que tenta a todo custo retirar a escola do local onde fica situada, uma das regiões mais valorizadas da cidade, o que prejudicaria grande quantidade de pessoas que desenvolvem seu aprendizado nesse núcleo da EJA. Para os moradores do bairro a circulação do público atendido pelo programa no bairro representa desvalorização, o que denota a manutenção de um caráter preconceituoso e elitista.

Além dessas dificuldades, a atividade de ensino exige uma serie de saberes que são desenvolvidos e fazem parte da carreira dos profissionais da educação. “Ao ensinar é preciso mais do que conhecer a matéria, é necessário um grande reservatório de saberes, das quais fazem parte os saberes disciplinares, curriculares, das ciências da educação, da tradição pedagógica e também da ação pedagógica” (GAUTHIER, 1998:17-37). O ensino da EJA exige ainda uma prática diferenciada pelo método como o ensino é aplicado, partindo de pesquisas e temas de interesse dos alunos.

*“Baseada na produção dialética do conhecimento, a formação continuada como processo de construção e reconstrução dos saberes docentes, desafia para produzir conhecimento e criar novas estratégias e práticas de ação, pois o educador terá que construir novos saberes docentes direcionados para o ensino aprendizagem de adultos (re) significando sua práxis pedagógica” (GENTIL, 2005:2)*

A revolução documental pela qual a pesquisa e o ensino de história passaram nos últimos tempos e continuam passando faz com que seja necessária a discussão de como utilizar essas fontes em sala de aula e de como as estratégias de seu uso e as fontes disponíveis podem fazer a diferença na compreensão de realidades e de situações da vida cotidiana. A primeira atividade realizada pelos alunos da EJA foi desenvolver uma pesquisa em que realizariam entrevistas com pessoas próximas indagando sobre o uso que faziam das plantas medicinais e sobre seus conhecimentos sobre a cura pelas plantas. Os mais diferentes tipos abordagem e de produção de material foram vistos, originando entrevistas em papel, áudio e vídeo. Mostrando aos alunos que também podem ser produtores de fontes históricas.

*“ A dedicação ao estudo da história na escola não consiste em mero diletantismo, mas em compreender a si mesmo e a sua sociedade e, sobretudo, acumular conceitos para ler a própria realidade, e criar novidades, formas novas de intervenção na sociedade, novas práticas sociais, novas realidades” (PEREIRA; SEFFNER, 2008:120)*

Após esse primeiro contato com a sala de aula foi realizada uma visita junto com esses alunos ao horto de plantas medicinais da Universidade Federal de Santa Catarina, para promover o contato dos estudantes com a realidade da universidade e com algumas plantas medicinais, muitas conhecidas outras com as quais nunca haviam tido contato. O horto foi implantado em 1999 e desde lá vem realizando trabalhos de conscientização sobre o uso correto de plantas medicinais. São desenvolvidos ali grupos de discussão abertos a estudantes e a demais interessados da comunidade, hoje contando com mais de sessenta plantas medicinais com identificação botânica e oitenta em processo de classificação.

Partindo para as fontes primárias utilizadas no projeto, a principal fonte primária com a qual resolvi trabalhar foi o Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira, que foi publicado em Lisboa em 1753. O autor desse compêndio esteve morando na colônia, mas precisamente em Minas Gerais, por alguns anos e participou das campanhas auríferas na região. A escolha

dessa fonte foi motivada pelo grande papel de divulgador do uso de plantas medicinais na medicina do período colonial e também pela facilidade em seu acesso. As grandes panacéias propostas pelo autor para a cura de determinadas doenças levavam entre seus ingredientes uma série de plantas e ervas originárias das terras da região. Ao partir para a análise dessa fonte foi perceptível à inserção das receitas apresentadas na obra na lógica de cura da teoria dos humores, de maneira que para trabalhar a fonte com os alunos foi necessário introduzir esse tipo de conhecimento voltando às origens e a base da teoria humoral, encontrada nos médicos e filósofos gregos e romanos que pregavam um corpo humano preenchido por quatro substâncias básicas que deveriam estar em equilíbrio.

“Esse atrativo do humoralismo dominou a medicina clássica e formou sua herança” (PORTER, 2004: p.14). A cura das moléstias da época foi utilizada para entender também a realidade da sociedade do período. O século XVIII, que é quando o Erário é produzido é um período de grande exploração de mão-de-obra escrava, por isso a preocupação de Luís Gomes Ferreira em demonstrar os métodos de cura de doenças como o escorbuto ou mal de Luanda, que faziam grande número de vítimas e traziam prejuízos aos possuidores de escravos. Uma das receitas apontadas para tratar essa doença exemplifica bem o uso de plantas medicinais da região:

*Como o dano das gengivas prometia maior perigo de se lhe gangrenar e morrer, lhe acudi com o remédio seguinte: Aguardente fina seis onças, unguento Egípcio duas oitavas; misture tudo muito bem. Com esse remédio ordenei tocasse as gengivas por dentro e por fora, molhando nele um pincel várias vezes ao dia; assim continuou com feliz sucesso, por que logo as gengivas se foram alimpando e o mau cheiro se desvaneceu (FERREIRA, 2002: 619).*

Através do Erário Mineral é possível notar uma série de características da medicina realizada no Brasil Colonial, além de se problematizar se de fato existia um desenvolvimento científico no século XVIII. Esse foi um dos temas geradores de discussão que posteriormente geraram uma pesquisa por parte dos alunos do seguimento da EJA. A importância da análise de uma fonte com essas características se dá pois coloca esses alunos diante de uma realidade histórica diferente, mas que pode mostrar-lhes uma série de continuidades, principalmente quando observam alguns hábitos costumeiros da medicina popular.

O Erário Mineral é também interessante por mesclar conhecimentos populares com a tradição médica ocidental a qual Luís Gomes Ferreira era identificado.

*Em seus complexos receituários juntam-se simpatias e produtos estercoários, ensinados pela medicina popular ibérica, às ervas medicinais da tradição indígena, transmitidas pelos sertanejos paulistas; a estes, acompanham ainda produtos químicos da farmacopéia metropolitana e espécimes transportados à bordo dos navios negreiros. Ou ainda, os ensinamentos advindos das receitas secretas compiladas pelos jesuítas nos colégios de Macau, Goa, Angola e na Bahia, como também as indicações de práticos da medicina “há muito estabelecidos nestes climas”, além dos conselhos de simples comedeiras. Tradições variadíssimas cuja origem o autor faz questão de nomear (WISSENBACH, 2004:3)*

Foi realizada uma atividade que envolvia o uso de trechos do Erário Mineral relacionados ao tratamento de diferentes doenças, o que mostrou que muitos dos conhecimentos colocados pelo autor ainda permanecem inseridos no imaginário popular. A atividade em formato de tabuleiro pode ser utilizada no ensino de diferentes idades.

Ainda que não fosse o tema central de minha aula procurei na preparação das atividades observar também a maneira como esse intercâmbio de plantas entre a Europa e América trouxe além de avanços nos campos das pesquisas grandes problemas em alguns casos. “Muitas plantas estrangeiras definidas na Europa como ervas daninhas avançaram sobre a terra brasileira, assim como muitas das pestes que atacaram as plantas da Colônia tinham desembarcado do continente europeu” (CROSBY, 1993: 93).

A elaboração de um plano de aula para o desenvolvimento da atividade foi fundamental. Essa foi uma etapa em que foi possível rever os pontos-chaves a serem abordados e fazer um planejamento das estratégias utilizadas em sala de aula. Neste plano de aula foram traçados os objetivos a serem alcançados durante a atividade. A aula duraria uma hora, sendo que os últimos quinze minutos eram destinados a uma atividade na horta do colégio. O primeiro objetivo de minha aula foi a contextualização da chegada dos europeus e os primeiros contatos que tiveram com as plantas medicinais. Para isso utilizei principalmente os relatos de viajantes que aqui estiveram no período colonial. Essas primeiras incursões pelo Brasil não tinham apoio da coroa portuguesa e embora se tenha uma série de relatos, como os de Pero Lopes de Souza, Manuel da Nóbrega, Fernão Cardim e Magalhães Gândavo, vai ser

só no século XVIII que o conhecimento sobre as plantas medicinais ira se desenvolver de maneira mais efetiva. Os europeus passaram a perceber que no “novo mundo” encontravam muitas belezas e grande variedade de frutos e ervas medicinais, mas também tinham contato com novas doenças, necessitando cada vez mais conhecimento para com elas lidar.

*A natureza exuberante, rica em frutos saborosos e doces como o mel, os animais exóticos de uma beleza jamais vista, as multidões de pássaros coloridos e as ervas medicinais de singularíssimas virtudes não eram os atributos únicos da colônia. Situado na zona tórrida do globo, e infestado por ares quentes e pútridos, o Brasil, segundo a ótica de alguns cronistas era o lugar ideal a disseminação de doenças (RIBEIRO, 1997: 21).*

A partir do século XVIII o investimento da coroa portuguesa na pesquisa e classificação das plantas medicinais conhecidas no Brasil foi bastante intensificado. Procurei em minha aula enfatizar com os alunos o motivo dessa mudança de postura em relação a colônia. Seguindo o que Vera Regina Beltrão Marques coloca, “a hipótese do declínio da exploração de pedras preciosas e o aumento do interesse pela flora local estão diretamente associados” (MARQUES, 2008: p. 29), tendo em vista que a coroa buscava nesse momento uma investigação científica como motor de um progresso material. São formados os gabinetes de pesquisa em ciência natural e há um incentivo cada vez maior para o envio de plantas brasileiras à Portugal, sendo que muitas destas serviram para formar jardins botânicos na Europa. A preocupação da Coroa Portuguesa em regulamentar as pesquisas nesta área e também definir quem poderia fazer uso dessas plantas medicinais levaram a publicação em Portugal em 1794 da primeira farmacopéia oficial portuguesa que continha vários conhecimentos sobre a flora brasileira, outras farmacopéias já haviam sido publicadas anteriormente, mas esta ganha maior destaque por ser a primeira considerada oficial e ter sido utilizada pelos estudantes de botânica do reino português.

As principais informações sobre o tema, assim como mapas utilizados, foram projetadas em um aparelho Datashow para que os alunos tivessem melhor visualização e a oportunidade de ler as fontes primárias. Durante a aula foi-lhes entregue exercícios que relacionavam o tema com a visão eurocêntrica, e também para pensar o impacto desse contato na flora e no desenvolvimento do conhecimento sobre as plantas brasileiras. Resolvi também

através dessa atividade em conjunto trabalhar um pouco sobre os agentes da cura nesse período. Achei necessário falar um pouco da figura do boticário e também do cirurgião barbeiro. Esses tiveram grande importância no Brasil colonial, levando em conta que o número de médicos disponíveis era muito reduzido, e em muitos casos os boticários foram responsáveis pela cura mesmo onde havia a presença de médicos. No século XVI eram boticários no Brasil alguns poucos padres jesuítas em seus colégios e integrantes de ordens religiosas. Várias das descobertas que se tornaram posteriormente recursos terapêuticos na Europa surgiram a partir das práticas desses boticários jesuítas que no contato com os indígenas desenvolveram remédios utilizando produtos desconhecidos como a quina, a ipecuanha, a copaíba, o guaco, entre outros. Mesmo assim o boticário muitas vezes esteve à margem da medicina, sendo considerado um mero executor das tarefas do médico. A arte médica era considerada nobre e o boticário fazia a parte mecânica. Ele era o “Cozinheiro dos médicos” como se coloca neste pequeno trecho:

*“Boticário – O que tem botica vende drogas medicinais, e faz mezinhas. Os boticários são cozinheiros dos médicos; cozem e temperam quando nas receitas lhe ordenam. [...] Boticário quando faz as mezinhas que o médico ordena, se houvera de chamar propriamente medicamentarius” (BLUTEAU, 1712-1718: 169).*

Outra importante fonte para a pesquisa na área, que foi pouco utilizada durante as oficinas na EJA, mas merece atenção dos pesquisadores que se proponham a um estudo das práticas médicas e dos usos das ervas medicinais e do conhecimento popular na cura, é o *“Diccionario de medicina do Dr. Chernoviz.”* Escrito pelo médico polonês Dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, que viveu no Brasil entre 1840-1850, a obra representa ponto importante na história da medicina no país.

No período após a proclamação da independência brasileira surgiram uma série de manuais para as mais diferentes áreas, cujo intuito eram estabelecer uma “civilização”, nos moldes pretendidos pelos autores. Assim, manuais de culinária, boas maneiras, de direito e de medicina foram editados. A fundação da Academia Imperial de Medicina em 1835 tinha como uma de suas atribuições fazer uma diferenciação do que era considerado medicina oficial e medicina popular, constantemente ligada ao charlatanismo e condenada. Mesmo assim essa divisão esteve longe de acontecer durante o período imperial, onde a atuação de



curandeiros, boticários e dos mais variados tipos de agentes da cura acontecia fora do controle do estado.

“ Os médicos eram quase sempre inacessíveis e manipulavam um saber hermético e estranho aos estratos populares. É notável como o Chernoviz veio a reforçar a legitimidade de outros e inúmeros agentes de cura que concorriam com o saber médico oficial representado por sua própria obra” (COTRIM, 2004, p.15)

O Chernoviz, destinado ao público leigo, fazia uma interação da medicina acadêmica com as práticas populares de cura. Servia assim como um dicionário que guiava a população e também os boticários sobre os usos que poderiam ser feitos das principais substâncias que curavam. A divisão dos medicamentos em 16 classes fazia também uma classificação sobre a formulação dos remédios, que estão divididos em Base, Adjuvante, Excipiente e Intermediário. O médico sugere ainda que toda casa possua uma botica doméstica indicando ainda onde podem adquiri-la. Isso gerou amplo debate no núcleo educacional, pensando-se a mudança na sociedade atual, em que cada vez mais as pessoas acabam desaconselhadas a manterem seu próprio herbário em casa, e o conhecimento dos princípios ativos que formam os medicamentos.

Ao encerrar a atividade procurei conversar com a turma e debater sobre aquilo que consideraram mais importante no que foi passado e o que lhes chamou a atenção. O número significativo de perguntas e as muitas descrições de situações ocorridas que envolviam o uso de plantas medicinais foi muito interessante e demonstrou que esses alunos conseguiram interagir com o tema. Ao longo das aulas eles constantemente trouxeram dúvidas e comentários que faziam parte de suas vivências enriquecendo assim a própria aula. As interações entre o saber da vivência e da pesquisa a ser desenvolvida contempla o objetivo da EJA, que faz com que o aluno busque através da pesquisa o conhecimento para transformar sua trajetória escolar. Nosso sistema de educação convive com falhas gravíssimas, mas é possível perceber que algumas iniciativas tem transformado a vida escolar de muitas pessoas. O uso de fontes primárias em sala de aula mostrou ser muito viável, sendo possível trabalhar dessa maneira, e demonstrando que a atividade de ensino nunca está dissociada de uma boa pesquisa. O professor sempre acaba sendo um pesquisador, tendo que estabelecer relações entre a fonte e realidade dos alunos. Quando se trabalha tentando contemplar esses objetivos

se percebe o quanto é possível aproximar esses alunos, ainda mais em uma área como a história, onde a aproximação da realidade vivida é fundamental. Acredito que iniciativas como a desse projeto ajudarão muito a pensar o trabalho do professor e da universidade, fazendo parte da formação de novos professores e da conscientização e desenvolvimento de conhecimento em alunos dos mais diferentes níveis de ensino.

## BIBLIOGRAFIA

ADAM, Philippe; Claudine Herzlich. *Sociologia da doença e da Medicina*. Bauro, SP: EDUSC,2001.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus. 1712 – 1728. 8 v.

CROSBY, Alfred W. *Imperialismo Ecológico*. A expansão biológica da Europa: 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias acessórias*. 6. ed. 2 v. Paris : A. Roger & F. Chernoviz, 1890.

FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira*; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho [org.]. *Visões do Rio de Janeiro Colonial: Antologia de Textos 1531-1580*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

GENTIL, V. K. *EJA: Contexto Histórico e Desafios da Formação Docente*. In: Centro de Referencia em Educação de Jovens e Adultos. 2005. Revista Eletrônica. Disponível em: <cereja.org.br.> acesso em 20/03/2013.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. *Os manuais de medicina popular de Chernoviz na sociedade Imperial*. Revista Cantareira. Niterói. nº 5, vol. 1, ano 2, abr-ago 2004.

GAUTHIER, Clermont (et. al). *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente - Coleção Fronteiras da Educação*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em Boiões: Medicinas e Boticários no Brasil Setecentista*. Campinas-SP: Unicamp, 1999.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Verdes 'Avant-garde'*. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, n.29, p.26-29, fev. 2008.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. *O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula*. Anos 90, Porto Alegre, v.15, n.28, p.113-128, dez.2008.

RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos Trópicos: A arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo. Hucitec, 1997.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Cirurgiões do Atlântico Sul – Conhecimento médico e terapêutica nos círculos do tráfico e da escravidão ( séculos XVII – XIX)*. Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SP- UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004

